

# A imprensa não pode omitir fatos

É assim que pensam os dirigentes dos órgãos de comunicação do País

## Frias acha um dever informar

Otávio Frias Filho, diretor-responsável da Folha de S. Paulo, não considera campanha difamatória apontar a ausência dos deputados, como seu jornal vem fazendo, mas um dever da imprensa. Ele acha muito difícil verificar se os deputados que não vão às sessões estão trabalhando por seus eleitores, em algum outro lugar. Para acabar com o problema da ausência e dos jêtons, tem uma proposta que tem sido defendida por seu jornal, e consta de três pontos: controle do voto de liderança; fim da presença, e fim da isenção do Imposto de Renda sobre o jêton.

FOLHA DE S. PAULO



Otávio Frias Filho

Evidentemente não considero que a Folha esteja movendo uma campanha difamatória contra o Congresso. Estamos apenas exercendo o direito de crítica. Considero isso dever da imprensa. A expectativa da opinião pública em relação ao novo papel do Congresso, na Nova República, era muito grande. Por isso, quando há fatos que não correspondem a essa expectativa, há uma frustração.

O jêton deveria acabar? — O jêton está previsto em lei. A proposta do jornal não é acabar com o jêton e sim acabar com a isenção do Imposto de Renda sobre o jêton. Também deveria acabar o voto de liderança, obrigando os deputados a comparecerem para votar e deve haver um controle efetivo sobre a presença dos deputados em plenário.

Os deputados dizem que quando não estão no plenário estão nas comissões ou cumprindo outras tarefas?

— Acho muito difícil avaliar se eles realmente estão fazendo alguma coisa, em algum lugar ou não estão fazendo nada.

O que eles deveriam fazer para melhorar a sua própria imagem?

— Em primeiro lugar, deveriam se preocupar menos com a sua imagem. Tive uma impressão ruim do programa em que Ulysses Guimarães e José Fraguelli tentaram defender o Congresso. A defesa não foi ao ponto. Eles não responderam às indagações, apenas revelaram uma visão apologetica do Congresso.

Haveria campanha da imprensa contra o Congresso, até mesmo para tentar desestabilizá-lo?

— A Folha tem feito críticas ao Congresso, mas também publicou a relação dos jornalistas que trabalhavam para o Senado, com funcionários seus, inclusive. E uma prova da nossa isenção. Fizemos ver aos nossos funcionários que não desconfiávamos deles por estarem no Senado, apenas não queríamos esconder isso dos nossos leitores.

Um dos redatores da Folha em Brasília, Ruy Lopes, que estava na lista, pediu demissão?

— Pediu. Mas não tínhamos nenhuma restrição a ele, nem aos demais. Eles estavam exercendo as suas atividades na Folha plenamente, sem nenhuma interferência do Senado.

Não existe nenhuma campanha orquestrada contra o Congresso Nacional. O que acontece é o registro de anormalidades no funcionamento da Câmara e do Senado. Esta é a síntese de seis entrevistas que o CORREIO BRAZILIENSE, publica hoje, focalizando as opiniões de dirigentes das principais revistas e jornais do Sul do País.

O repórter Alex Solnik entrevistou, em São Paulo, Roberto Civita, diretor-responsável da Veja; Júlio de Mesquita Neto, diretor responsável de O Estado de S. Paulo; Otávio Frias Filho, diretor-responsável da Folha de S. Paulo; e Herbert Levy, deputado e presidente da empresa Gazeta Mercantil Editora Jornalística No Rio, o repórter Jorge Oliveira recolheu depoimentos do redator-chefe do Jornal do Brasil, Fernando Pedreira, e do diretor de O Globo, Evandro Carlos de Andrade.

Os dirigentes dos órgãos de comunicação oferecem um posicionamento praticamente comum, na questão dos jêtons. E descartam a possibilidade de qualquer combinação entre empresas jornalísticas para denegrir o Congresso, destacando a importância da instituição parlamentar para a manutenção da democracia. Mesmo assim, deixam claro que a Imprensa não pode omitir os fatos e, por isso, as deficiências do Congresso continuarão sendo mostradas.

## Pedreira noticia o que acontece

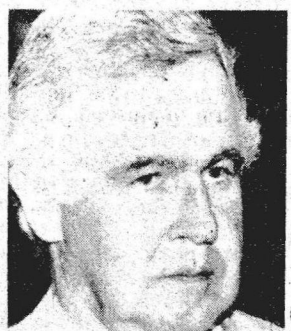
Fernando Pedreira, redator-chefe do Jornal do Brasil, afirma que, evidentemente, o JB não está engajado em qualquer campanha contra o Congresso Nacional. "O que ele faz é apenas noticiar os fatos diante das evidências do mal funcionamento da Casa, inclusive diante das fotos do plenário vazio, e dos parlamentares votando duas vezes. Não se pode interpretar o noticiário do JB como parte de uma campanha de difamação, já que o JB se restringe a publicar os fatos como eles ocorrem, como é o caso por exemplo, da questão do pagamento dos jêtons". E prossegue:

— Ao Jornal do Brasil, entretanto, é resguardado o direito da crítica, o que faz através de suas páginas de opinião sem que isso possa ser interpretado como uma campanha de difamação. A crítica é um direito inalienável de qualquer órgão de comunicação.

— A posição do JB pode ser sintetizada da seguinte maneira: O Congresso Nacional é o pulmão da democracia e por isso precisa funcionar bem. Hoje, infelizmente, o que acontece é o contrário. As críticas que fazemos, portanto, são para que ele se purifique, se livre dos vícios e defeitos adquiridos durante anos para que seja plenamente acreditado como um organismo imprescindível à democracia. O Congresso Nacional, em última análise, é essencial ao pleno funcionamento da democracia e por esse motivo tem que funcionar bem.

— Para melhorar sua imagem e conquistar a opinião pública, o Congresso Nacional tem, primeiramente, que reconhecer os seus próprios erros. Reconheço que ele é uma das

JORNAL DO BRASIL



Fernando Pedreira

maiores vítimas dos 20 anos de regime militar, quando foi desmoralizado e perdeu suas prerrogativas. O Congresso Nacional foi castrado e, como todo castrado, engordou e inchou. Deixou de ser esbelto e bonito. Mas agora precisa urgentemente melhorar sua imagem.

— Um outro ponto que contribuiu bastante para que o Congresso Nacional passasse a funcionar dessa maneira estranha foi a sua própria transferência para Brasília. Naquela ocasião concedeu-se privilégios excepcionais aos seus membros, mas esqueceu-se de imobilizá-los quando não se faziam mais necessários. O que aconteceu a partir daí foi uma queda sensível em seus quadros e que contribuiu para baixar o nível.

— E necessário que se tenha em mente que Brasília já tem 25 anos, é uma cidade igual ou muito melhor do que outras grandes capitais brasileiras e que não mais necessita de atrativos especiais para manter seus habitantes. Considero que já é hora de acabar com os privilégios dos congressistas e isso quem pode fazer é o próprio Congresso Nacional. No caso, o Dr. Ulysses Guimarães.

## Levy vive uma situação ambígua

Presidente da Gazeta Mercantil Editora Jornalística, proprietária do jornal Gazeta Mercantil e da revista IstoÉ, o deputado Herbert Levy vive uma situação ambígua, que se reflete nas publicações. "Na minha revista não salu nada a respeito dos jêtons de maneira veemente. Houve talvez algum registro a respeito dos jornalistas que trabalham no Senado", diz Levy. Ele próprio um deputado faltoso confessa, afirma que a imprensa só vê o aspecto negativo do plenário vazio, que não exprime a vida do Congresso. Essas notícias ajudam a piorar a imagem do Poder Legislativo. Mas ele se sente suspeito para responder se existe em curso uma campanha difamatória da imprensa contra o Congresso Nacional. A presença do plenário não é fundamental, diz Levy.

— Ninguém tem estado mais ocupado do que eu. Sou relator do escândalo das polonetas, o maior escândalo impune desse País. Tenho tido um trabalho infernal. Por isso, não tenho condições de comparecer ao plenário. Tenho ido raríssimas vezes. Será que não estou cumprindo o meu dever? Vou ao plenário quando há alguma votação ou debate importante. Mas quando não estou no plenário, estou nas CPis, como tantos deputados.

— O Sr. acha justo receber jêton sem comparecer ao plenário?

— A remuneração na base do jêton deve ser corrigida. Não devemos receber, se não fazemos jus a ele. Temos que dar o exemplo. Acho que deveríamos receber uma remuneração fixa maior.

— O sr. acha que há uma campanha difamatória da imprensa contra os congressistas?

## Civita quer bom funcionamento veja

A revista Veja estampou o assunto em uma de suas recentes capas: "O escândalo da ausência remunerada". Roberto Civita, diretor-responsável da publicação, nega, porém, estar atacando o Congresso Nacional. Ele não acha que os parlamentares devam comparecer obrigatoriamente às sessões, desde que não recebam jêton e sim um salário fixo sobre o qual deve incidir o Imposto de Renda. Nem sua revista nem ninguém está questionando a existência do Congresso, nem está havendo qualquer campanha difamatória.

— É óbvio que a minha revista não está fazendo qualquer campanha difamatória contra o Congresso Nacional. Acho que nós já estamos escaldados em matéria de fechamento do Congresso. Há um desejo claro de toda a população de ver funcionar bem a instituição, que é a mais essencial de todas. Não estamos atacando o Congresso Nacional, que é o repositório das esperanças do País no caminho da abertura.

O Sr. acha fundamental que os parlamentares compareçam para as sessões do Congresso Nacional?

— Se eles chegaram a

ISTOÉ



Herbert Levy

— Sou suspeito para falar nisso, como empresário do setor jornalístico.

— Quando aponta que os deputados não vão ao plenário e mesmo assim ganham jêton, a imprensa presta um serviço ou um desserviço?

— Essas notícias ajudam a piorar a imagem dos deputados. A presença no plenário não exprime toda a vida do Legislativo. A imprensa deveria registrar o trabalho das comissões e não mostrar apenas esse aspecto negativo do plenário vazio.

— Como os deputados podem melhorar a sua imagem?

— A mesa deveria rever o sistema de jêtons. O parlamentar tem interesses fora da Câmara. Conheço deputados trabalhadores que são verdadeiros despa-chantes de seus municípios e nunca estão na Câmara, estão nos ministérios, despa-chando para o município. Será que eles não estão cumprindo o seu dever?

## Para Mesquita, a saída é trabalhar

Júlio de Mesquita Neto, diretor-responsável de O Estado de S. Paulo, jornal que tem publicado muitas reportagens e editoriais a respeito dos parlamentares faltosos que recebem jêtons no Congresso Nacional, acha que deputados e senadores só têm uma coisa a fazer para melhorar a sua combatida imagem: "Trabalhar", diz ele que tenta classificar as notícias da imprensa de "campanha difamatória" é o mesmo que procurar "chifre em cabeça de cavalo". A solução do problema, segundo Mesquita, é muito simples. Os parlamentares deveriam primeiro receber apelo das mesas diretoras para comparecer às sessões. Se mesmo depois disso continuassem faltando, ficariam sem jêton. O Congresso Nacional está vivendo uma época infeliz.

Ele respondeu à enquete por escrito: — Absurdo pensar que a imprensa esteja movendo campanha — e, ademais, difamatória — contra o Congresso Nacional. A quem aproveitaria tal coisa? Jamais à imprensa, que é sempre a primeira a sofrer as consequências de qualquer escorregão institucional. Nós temos conhecimento próprio dessas coisas: a 13 de dezembro de 1968, pela madrugada, antes de ser editado o A1-5 (que só foi divulgado às 23h), O Estado era apreendido, de maneira que é mister tirar da cabeça essas idéias mirabolantes de que há campanha difamatória. Quando se apontam coisas erradas em qualquer instituição, a primeira reação é falar em campanha orquestrada e difamatória. O Congresso vive uma época infeliz. Por que não reconhecê-lo? Publicamos notícias sobre essa época, ilustramos com fotos o descaso que deputados e senadores manifes-

O ESTADO DE S. PAULO



Júlio de Mesquita Neto

tam pelo Congresso, condenamos em editorial que as mesas diretoras tratem como bons moços aqueles que só contribuem para denegrir a imagem da casa das leis. Creio que ninguém pode concordar com pagamentos irregulares — e têm sorte os deputados, pois em outros setores de atividade, quem não trabalha, não recebe e, quem paga mal, paga duas vezes. O Congresso deveria fazer um apelo àqueles que o desprezam — e são os faltosos — para que viessem trabalhar. Se esse apelo não fosse atendido, dever-se-ia suspender o jêton. E, em seguida, acabar com o voto de liderança. Ele extinto, ou os deputados trabalhariam ou o Presidente seria obrigado a usar o decreto-lei e o decurso de prazo.

Qual é a sua opinião sobre o Congresso Nacional?

— O Congresso Nacional já teve períodos mais gloriosos. Seria desnecessário enaltecer sua importância no sistema democrático. Porque confiamos e acreditamos na instituição é que cobramos bom comportamento daqueles que o denegrem.

## Andrade defende posição isenta

O GLOBO

O jornalista Evandro Carlos de Andrade, diretor de O Globo respondeu com um seco "não" à pergunta se o jornal que dirige está participando de uma campanha difamatória contra o Congresso Nacional por pagar jêtons aos parlamentares faltosos.

Segundo Evandro, a posição de O Globo é de prestigiar o Congresso Nacional e todas as instituições permanentes do País. Na sua opinião, o jornal não está com a preocupação de melhorar a imagem do Congresso junto à opinião pública, mas a de "noticiar o que se passa no Congresso".



Evandro de Andrade

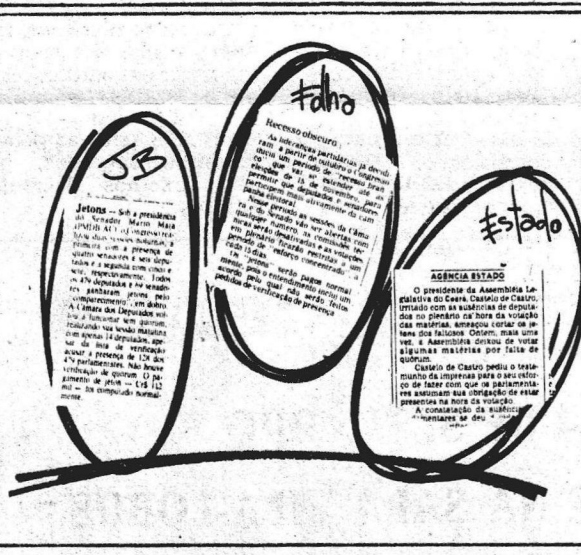
## Nada de pressões

RENATO RIELLA  
Chefe de Reportagem

Quem pode mais, o Congresso ou a imprensa? Em alguns momentos, a questão foi colocada desta forma. Houve parlamentares até que acusaram os veículos de comunicação de estarem sendo pagos para caluniar o Parlamento. Na semana que passou, depois dos pronunciamentos à Nação feitos pelo senador José Fraguelli e deputado Ulysses Guimarães, os jornais e revistas temporariamente voltaram suas baterias para jornalistas que têm emprego no Congresso.

A publicação de listas de repórteres e redatores que recebem os famigerados jêtons criou constrangimentos. Houve profissionais que ficaram sem dormir. Apareceram parlamentares que dormiram bem melhor, sentindo-se vingados. Mas, passada a fase emocional, a imprensa voltou a manter a fiscalização permanente, homem a homem, sobre as atividades da Câmara e do Senado.

Diversos jornais pu-



blicaram, nos últimos dias, notas de balanço das sessões parlamentares, mostrando que os jêtons estão sendo pagos indevidamente, mesmo sem a presença dos congressistas, apenas porque ninguém pede verificação de quorum. E surgem críticas mais amadurecidas contra o recado que Ulysses e Fraguelli, tentaram dar na televisão, e que não surtiu o efeito desejado.

A Veja da semana passada definiu essa

situação muito bem, ao dizer que Ulysses, especialista em proezas de engenharia política, "não é, contudo, capaz de missões impossíveis". A IstoÉ, mesmo concentrando o fogo de três páginas contra os jornalistas do serviço público, reservou espaço para definir como "canhestra tentativa" a fala do senador Fraguelli, na qual foi incluída até uma citação de Ruy Barbosa defendendo "as ausências fecundas e laboriosas".

Programas de humorismo, chargistas, comentaristas e editorialistas não reduziram suas cargas contra os devoradores de jêtons, apesar da contra-ofensiva do Congresso. Todos esses comunicadores estão de olho num futuro muito próximo, quando os nossos políticos terão a responsabilidade de elaborar a Constituição da Nova República. Com o estado de espírito atual os senadores estarão em condição de assumir um encargo tão importante?

As entrevistas que o CORREIO publica hoje, com dirigentes de seis importantes órgãos de imprensa, mostram que, se o Congresso não repensar o seu modelo autoprotetcionista, estará em guerra com a opinião pública. E mostram também que as ameaças de demissão dos jornalistas empregados do Congresso não conseguirão calar os meios de comunicação.